



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SIMONE GOMES JATOBÁ

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Entrevistada: Simone Gomes Jatobá

Local da entrevista: Curitiba

Entrevistadora: Maria Thereza Oliveira Souza

Data da entrevista: 28/06/2016

Processamento da entrevista: Maria Thereza Oliveira Souza

Páginas Digitadas: 20

Número da entrevista: E-775

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Maria Thereza Oliveira Souza intitulada “*Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar*” - *atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná em fevereiro de 2017.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em maio de 2017.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Campeonato paulista; Apoio da família; remuneração; Dificuldades; Clubes que atuou; Clubes do exterior; Copa do Mundo; Experiência na França e Espanha; Lyon; Retorno ao Brasil; Continuidade no futebol; Treinadoras; Seleção Brasileira; Jogos Olímpicos; Jogos Pan-americanos; Jogo no Maracanã; Empresários; Preconceito.

Maria Thereza Oliveira Souza – Bom dia Simone. Gostaria primeiramente que você se apresentasse, falasse seu nome completo, a sua idade, e se quiser contar um pouquinho da sua trajetória.

Simone Gomes Jatobá – Bom dia. Meu nome é Simone Gomes Jatobá, eles me conhecem mais por Simone Jatobá, eu tinha um tio que jogava né, então eles as vezes assimilam um pouco o sobrenome, mas não tem nada a ver. Tenho 34 anos, faço aniversário em fevereiro, atualmente estou jogando na França, no FC Metz, estou de férias agora com a minha família [sorriso] e volto dia primeiro para a continuidade da segunda parte do campeonato.

Maria Thereza Oliveira Souza – Agora comentando um pouco sobre a sua infância, como o futebol se inseriu na sua vida?

Simone Gomes Jatobá – Então, como eu estava falando, eu tenho um tio, dois tios no caso, que jogavam futebol. É o Carlos Roberto Jatobá e o Paulo Cesar Jatobá. O meu tio Carlos começou jogando no Pinheiros, porque assim, eu nasci em Maringá e eu morei muito tempo em Peabiru, que é uma cidadezinha bem pertinho de Maringá e Campo Mourão. E a minha vó estava sempre assistindo jogos do meu tio, sempre vinha pra Curitiba, as vezes ia pra Londrina, lugares mais próximos assim no Paraná né, pra assistir os jogos. Aí ele jogou no Corinthians, em vários clubes. Então eu sempre estava acompanhando com a minha vó e eu era muito pequena né, muito pequenininha, tinha cinco ou seis anos. Na frente da casa aonde a gente morava tinha uma praça muito grande, inclusive ano passado eu voltei lá e a praça é muito pequena, na época a praça era muito grande. E tinha muita criança lá, principalmente meninos, então a gente jogava na praça, que tinha um gramadinho muito bom e a gente sempre jogava bola lá. Eu jogava bola com meus irmãos, com amigos, e jogava na rua também, então começou assim, essa paixão desde pequena e ainda complementei vendo jogos do meu tio, jogos pela TV e uma coisa que me marcou muito foi a final do campeonato paulista que a gente foi assisti no Morumbi, foi Corinthians e São Paulo, foi minha família toda para São Paulo, e aí na preliminar teve um jogo, uma apresentação de futebol feminino, então aquilo me marcou

muito, para que eu continuasse uma coisa que eu gostava por lazer tal, mas que aquilo me confirmou que eu queria fazer para o meu futuro.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você lembra o ano que foi esse paulista?

Simone Gomes Jatobá – Puxa vida. Não sei se foi em 86 ou 88, entre 86 e 88. Alguma coisa assim, eu era bem pequenininha.

Maria Thereza Oliveira Souza – Com que idade mesmo você iniciou a prática do futebol?

Simone Gomes Jatobá – Então assim, sempre com os meninos né, mas meu primeiro time só de meninas mesmo foi com doze anos.

Maria Thereza Oliveira Souza – Foi na sua cidade mesmo?

Simone Gomes Jatobá – Não, foi aqui. Porque assim, eu morava lá e a gente mudou pra Curitiba em 90, eu tinha nove anos. E aí, aqui em Curitiba, com doze anos eu encontrei o primeiro time, que foi o Paraná Clube, que eu fiquei sabendo que tinha futebol feminino. Porque até então, quando eu mudei pra cá, eu ainda continuava jogando com os meninos. Na frente aonde eu morava, tinha um condomínio muito grande, sempre os meninos se encontravam, um senhor, chamado Evaristo, levava esse grupo de meninos pra jogar na praça do Paraná Clube, então eu comecei a jogar bola com eles na rua também e ai ele falou assim: “ah, você pode jogar o torneio pra gente e tal, porque é uma menina, mas não tem problema, é um torneio de futebol de areia”. [Expressões faciais de felicidade, parecendo reviver sentimentos de empolgação]. Então, ele sempre colocava todo mundo no carro, os meninos todos atrás e só eu de menina na frente né, porque todo mundo sem camisa tal e ai a gente ia pra praça pra disputar torneio, pra jogar, então era muito divertido.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você tinha alguma resistência dos meninos por estar no meio deles jogando futebol?

Simone Gomes Jatobá – Antes de tocar na bola, sim, depois que você começa a jogar, eles veem que você não é tão ruim quanto parece, então as coisas mudam um pouco, aí eles começam a te escolher pro time, mas até então: “ah, menina não joga futebol, menina não sabe jogar”, aquela coisa toda.

Maria Thereza Oliveira Souza – E dentro da sua família, alguma vez você sofreu resistência por querer jogar futebol?

Simone Gomes Jatobá – Então, até pelos meus próprios tios, porque assim, toda minha trajetória, minha carreira, todas as coisas foi graças a minha vó né, digamos assim: minha vó, minha mãe e meu irmão. Porque os meus tios, por mais que eles jogassem futebol profissionalmente, eles não tem nada a ver com a minha carreira e eles até comentavam: “ah não, mas futebol pra mulher não tem futuro, melhor você ver outra coisa”. Mas mais assim da parte deles, o restante da família sempre apoiou bastante.

Maria Thereza Oliveira Souza – Em que momento surgiu a primeira oportunidade de você ser remunerada pra jogar futebol?

Simone Gomes Jatobá – Então, com doze anos eu comecei a jogar no Paraná Clube e lá eu conheci a Noeli e a Eneide, que são minhas amigas até hoje, são mais velhas e tal. E aí, jogando e tal, teve um time que entrou em contato de São Paulo e agente começou ir pra lá jogar todo final de semana, todo domingo. Então, saíamos de Curitiba sexta-feira a noite, chegávamos lá no sábado de manhã, treinávamos com o time e descansava pra jogar no domingo, então foi um bom tempo assim com esse time de Itapeva, de São Paulo. E aí com 18 anos eu fui com a Noeli fazer um teste no São Paulo Futebol Clube, que na época tinha um time muito bom, e aí eu fui pro time e foi o primeiro time onde eu realmente tinha carteira assinada [risos] e comecei a receber um salário pra jogar futebol.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você conseguia viver com os ganhos só do futebol já nessa época?

Simone Gomes Jatobá – Isso foi em 1999...conseguia. Porque o São Paulo tinha um time bom, assim, não era aquele salário, mas era uma coisa que, não sei, acho que na época deveria ser três ou quatro salários mínimos, então assim, era tranquilo né.

Maria Thereza Oliveira Souza – E quais foram as principais dificuldades que você enfrentou, tanto na sua infância quanto na sua carreira profissional, jogando futebol?

Simone Gomes Jatobá – A dificuldade que tem até hoje é a aceitação né, da sociedade, dos grandes clubes e das pessoas que realmente tem preconceito em relação a capacidade que a mulher pode ter dentro do campo. Então assim, pra mim foi um pouco mais complicado em relação a isso, porque os times montavam um time super bom, por exemplo, eu fui pro São Paulo, ai ele durou dois anos, acabou, acabou o time feminino, aí depois fui pra outro time, durou mais um, dois anos e acabou. Então a grande dificuldade é isso, os times montarem uma super equipe ou uma equipe pra disputar um campeonato e depois acabar, então assim, a dificuldade foi isso, até eu ir pra Europa, depois que eu fui pra Europa, a visão é completamente outra, a diferença é imensa.

Maria Thereza Oliveira Souza - E em quais clubes brasileiros você jogou?

Simone Gomes Jatobá – Eu joguei no Saad, no Santos, na Matonense, no Paraná, no coxa, no Atlético, no XV de Piracicaba, na Ponte Preta, no Grêmio Londrinense, devo estar esquecendo de mais algum, mas assim, vários clubes aqui no Brasil.

Maria Thereza Oliveira Souza – E de que forma ocorreu o contato pra você jogar no seu primeiro clube no exterior?

Simone Gomes Jatobá – Então, foi assim: depois que eu fui pro São Paulo, em 99, aí 2001 acabou o time. Em 2000 eu tive minha primeira convocação pra seleção, que a gente fez torneios nos Estados Unidos e aí já teve as Olimpíadas e aí então já fui pras Olimpíadas e continuei na seleção. Aí em 2003, a gente foi pra uma excursão nos Estados Unidos, a gente ficou acho que um mês lá dando aula de futebol, clínica né, e aí eu conheci a Milene, ex-esposa do Ronaldo, e aí em algumas atividades a gente fazia juntas né, dar aula pras meninas e ai a gente começou a pegar...não uma amizade né, mais uma afinidade digamos

assim. E aí depois a gente voltou e continuou em contato e ela jogava no Rayo Vallecano de Madrid nessa época e aí eu falei: “Olha Milene, se você souber de algum time que queira uma brasileira, eu estou disposta a ir pra fora”. Porque eu já estava muito cansada, isso no final de 2003 e começo de 2004, porque os times estavam na mesma coisa, começavam e terminavam, começavam e terminavam e eu já estava cansada dessa rotina ruim que se tem no Brasil, esse hábito ruim e eu queria ver como as coisas funcionavam fora, a cultura, não só no futebol mas fora disso, aprender uma outra língua e ela falou que o time dela estava precisando de uma jogadora, aí eu mandei meu currículo, mandei alguns vídeos e eles me contrataram. Depois de lá, teve um empresário de uma amiga, Lindsay Camila, ela jogava no Brasil, aí ela foi pra Portugal e depois de Portugal ela foi pra França, e o empresário dela falou que o Lyon estava com um super time, estava com algumas americanas e eles queriam reforçar o time, queriam uma brasileira e tal. E aí eu mandei meu currículo pra ela, ela passou pra ele e aí eu fui pro Lyon, no ano seguinte já, em 2005.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você disputou as Olimpíadas de 2000 e, em 2004, você não esteve em Atenas?

Simone Gomes Jatobá – Não. Eu estive em 2003 na Copa do Mundo e em 2004, não.

Maria Thereza Oliveira Souza – E qual foi o motivo?

Simone Gomes Jatobá – Olha, 2004 foi um ano muito especial [expressões de pesar]. Foi um ano de decepção com a seleção, não com a seleção, mas com pessoas e comandos da seleção. 2004 foi o René Simões, que a gente estava comentando agora pouco [em conversa logo antes da entrevista], então esse foi um ano em que eu fiquei muito triste com muitas coisas que se passaram, em atitudes, em palavras vazias, eu falo uma coisa pra você mas na verdade eu faço outra, eu passo uma imagem pra você, mas eu sou uma outra imagem. Então assim, é um ano em que eu fiquei muito decepcionada com a seleção, não vou entrar a fundo sobre muitas coisas que aconteceram, mas eu não fui pras Olimpíadas. Isso foi uma escolha do René Simões, então assim o motivo real ele não me deu, ele me deu motivos vazios e até que depois tiveram jogadoras que foram cortadas porque se machucaram e ele convocou outras meninas que não tinham nada a ver, que nunca tinham

ido pra seleção. Enfim, foram coisas que realmente me fizeram ver que a seleção não é tudo, pelo fato dessas certas pessoas que comandam.

Maria Thereza Oliveira Souza – E a sua experiência na Europa, na França e na Espanha, o que há de tão diferente? Eu já entrevistei algumas meninas e elas falaram que são dois mundos diferentes, o futebol jogado na Europa e o futebol jogado no Brasil. Quais são essas diferenças tão grandes?

Simone Gomes Jatobá – São bem bruscas mesmo né, a gente começa pelo calendário né. Por exemplo, lá na França você tem praticamente um mês de pré-temporada e nessa pré-temporada você trabalha no clube durante dez dias e depois pega uma semana, dez dias e vai pra uma outra cidade, vai para as montanhas, pra algum outro lugar pra fazer a pré-temporada, dois ou três períodos de treinamento todos os dias. Você volta, aí você tem vários jogos amistosos com times internacionais, aí você tem o campeonato francês, aí você tem o campeonato estadual, você tem a Copa da França e para os times mais de elite tem a Champions League. Então assim, o calendário deles é bem pleno, bem cheio mesmo e você não tem tempo de parar. A estrutura dos clubes é extraordinária. O transporte, por exemplo, quando eu jogava no Lyon (não é o caso desse meu time atual), mas eles fretavam um avião só pro time feminino ir jogar a Champions League em outros países, ou até mesmo em outras cidades um pouco longe. Então assim, a estrutura que eles colocam pro time feminino é semelhante a do time masculino. Claro que a gente não fala de salários, porque salários é algo assim grotesco [a diferença]. Em termos de estrutura e até mesmo de salários, são salários que a gente não tem aqui no Brasil [futebol feminino]. Então você tem o apoio, você vê o estádio que realmente tem muita gente vendo o jogo, os jogos passam pela TV, patrocínios, você vê empresas e muitas pessoas se interessando, dando apoio, não vendo se o sexo é feminino ou masculino, mas sim o esporte, o jogo bem jogado. Então assim, essa é uma diferença que a gente tem muito grande entre o Brasil e a Europa.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você jogou quanto tempo no Lyon?

Simone Gomes Jatobá – Eu joguei cinco anos. De 2005 a 2010.

Maria Thereza Oliveira Souza – E aí você voltou pro Brasil?

Simone Gomes Jatobá – Isso. Eu voltei pro Brasil, aí disputei um torneio pelo Novo Mundo, aí em 2012 eu fui pra Rússia, joguei o campeonato russo e a Copa russa. Aí eu voltei, 2013 eu joguei pelo XV de Piracicaba e 2014 eu voltei pra França e tenho contrato até 2017. Acaba em 2017.

Maria Thereza Oliveira Souza – E aí você pretende voltar pra cá, vai renovar contrato ou ainda não sabe?

Simone Gomes Jatobá – Então, eu não sei, porque agora eu renovei pra dois anos. Ano passado eu fiquei um ano, daí a gente sentou e eu renovei pra mais dois anos. E eu estou fazendo como se fosse uma faculdade de futebol, é um curso de futebol, nível UEFA B, então assim, é um diploma super importante pra Europa ou até mesmo mundialmente, pra treinadora de futebol. Então esse ano é um ano de bastante estudo, porque essa etapa dura um ano de estudo, de curso. Então eu estou aproveitando pra estudar, pra pegar informações, porque puxa, eu estou com trinta e quatro anos e eu vou parar...parar não...o meu contrato vai acabar com trinta e seis, então eu não sei, vai depender de como o meu corpo vai estar né, se eu vou estar bem pra jogar, em relação ao cansaço físico e cansaço mental também.

Maria Thereza Oliveira Souza – Então você pretende continuar trabalhando com o futebol mesmo após encerrar sua carreira?

Simone Gomes Jatobá – Eu pretendo, porque assim, muitas pessoas se formam ou conseguem chegar num bom time e ser treinador, e na primeira oportunidade que eles tem, eles vão para o futebol masculino, porque o futebol masculino tem a cultura e tal né, tem um grande salário. Mas a minha meta não, a minha meta é...por exemplo, eu quero me formar mas eu quero continuar no futebol feminino, porque eu acho que o futebol feminino precisa de ajuda, ele precisa de alguém que (eu não estou dizendo que essa pessoa vai ser eu), mas é que eu quero complementar, eu quero ajudar né. Porque eu não quero ser mais uma das pessoas que se formam, que tem uma ótima oportunidade e largam tudo aquilo que me fez chegar aonde eu estou até hoje né, enfim, a minha paixão é o futebol feminino.

Então eu pretendo continuar, se eu puder, óbvio. Se eu não tiver trabalho no futebol feminino, óbvio, se tiver trabalho no masculino ou em qualquer outro [aceitaria], mas eu pretendo continuar no futebol masculino.

Maria Thereza Oliveira Souza – E sua treinadora é mulher ou é homem?

Simone Gomes Jatobá – É homem. Mas como eu estou fazendo esse curso, eu sou obrigada a treinar um time, então como eu ainda estou jogando, eu sou auxiliar do time sub19 do meu clube e ela é uma treinadora mulher.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você já foi treinada por alguma mulher?

Simone Gomes Jatobá – Ah, deixa eu ver aqui [esforço para lembrar]. Já, já fui treinada pela Vanda, que era uma treinadora de futebol de salão de Londrina. Uma treinadora super conceituada, super inteligente, com um caráter super forte [risos e expressão de surpresa – provavelmente por lembrar do temperamento da treinadora], mas era, nossa, uma treinadora muito, muito inteligente. Fora ela...não estou lembrada assim de alguma outra, a princípio ela.

Maria Thereza Oliveira Souza – Então, mesmo na Europa, sempre homens treinando times femininos?

Simone Gomes Jatobá – É, não, tem uma treinadora...tem, tem treinadoras no futebol feminino. Mas no futebol masculino tem uma treinadora que é do time Clermont, ela é treinadora do masculino da segunda divisão.

Maria Thereza Oliveira Souza – Ah, eu vi essa notícia.

Simone Gomes Jatobá – E ela foi considerada a melhor treinadora da liga, da segunda liga, que é da segunda divisão né, e eles estão lutando pra subir, então assim, nossa, é um feito muito legal.

Maria Thereza Oliveira Souza – É, eu vi alguma notícia, ano passado eu acho, que ela começou né.

Simone Gomes Jatobá – Então, ela já tinha trabalhado com os homens e tal, mas nesse time acho que já é o segundo ou terceiro ano que ela está, e eles estão em terceiro ou quarto do campeonato.

Maria Thereza Oliveira Souza – Então talvez eles subam.

Simone Gomes Jatobá – É, ia ser legal. [sorriso]

Maria Thereza Oliveira Souza – E com relação à seleção brasileira, a primeira convocação foi em 2000, isso?

Simone Gomes Jatobá – Isso, 2000.

Maria Thereza Oliveira Souza – E por quanto tempo você atuou pela seleção?

Simone Gomes Jatobá – Ah, então, olha, 2000...acho que é meu alarme [som de celular ao fundo]. Então, eu fiz as Olimpíadas, daí eu fiz sul-americano, Copa do Mundo, depois eu fiz pan-americano, ai eu fiz de novo sul-americano, depois de novo Copa do Mundo, de novo Olimpíada, alguns torneios. Eu acho que assim, no total eu devo ter ficado com a seleção uns nove ou dez anos. Teve um período que eu fiquei direto né, ai depois teve um período que eu não fui convocada em toodas as convocações, até pelo fato de estar fora.

Maria Thereza Oliveira Souza – Descreva um pouco a experiência de jogar Jogos Olímpicos, é muito diferente?

Simone Gomes Jatobá – Ah é, já começa pelo ambiente né, assim que é algo muito diferente, você está representando o teu país né, nosso país é imenso. Estar representando o nosso país em uma competição tão importante é algo assim inexplicável, como a Copa do Mundo né, acho que são as duas competições mais importantes, então assim, é uma sensação que você não tem como descrever. Você entrar no campo, ver o estádio cheio e

você estar representando seu país, assim, eu particularmente né, a partir do momento que eu estou no vestiário, estou no túnel antes de entrar no jogo eu fico arrepiada assim pelo menos até os quinze ou vinte minutos do primeiro tempo, porque assim, é algo muito forte né.

Maria Thereza Oliveira Souza – E nesse sentido, a final do pan-americano de 2007 deve ter sido uma experiência...

Simone Gomes Jatobá – Foi muito joia porque o Maracanã estava cheio né.

Maria Thereza Oliveira Souza – Setenta mil pessoas né.

Simone Gomes Jatobá – É, acho que mais ou menos isso. E em casa né, com os brasileiros, porque é muito difícil, jogos aqui no Brasil quando você joga, é mais a tua família e teus amigos né e aí quando você vê o estádio cheio é realmente emocionante.

Maria Thereza Oliveira Souza – E o ambiente da seleção brasileira, é um ambiente bom? Claro, tem épocas né, mas num todo, você considera uma experiência boa?

Simone Gomes Jatobá – Ah não, é sim, assim, sempre é um pouco complicado pelo fato de cada uma vir de um lugar né. Então assim, quando você encontra muitas pessoas que jogam no seu time, então você vê que realmente tem mais afinidade, você tem mais o seu grupo. Mas quando o pessoal joga mais fora do Brasil... Eu acho que é normal né, você às vezes, não ficar deslocada, mas assim, vê que tem os seus grupos e tals. Mas o ambiente em si é bom, porque todo mundo está lá com objetivo comum, sempre acontece uma coisinha ou outra em clubes, mas na seleção acho que o foco sempre é o mesmo, tem que permanecer, tem que dar o seu melhor, então...

Maria Thereza Oliveira Souza – Durante a época em que você permaneceu na Europa, a CBF custeava suas passagens para treino?

Simone Gomes Jatobá – Pra treino não, porque eu vinha sempre quando era calendário FIFA, sempre quando era campeonato, então quando era campeonato eles sempre

custeavam, mas nunca vim pra treino, sempre pra jogos mesmo. Justamente por isso né, porque fica caro, então não vai trazer só pra treinar.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você chegou a vir com dinheiro do seu próprio bolso?

Simone Gomes Jatobá – Seleção não. Mas clubes quando eu estava aqui no Brasil sim, sempre né.

Maria Thereza Oliveira Souza – Uma entrevistada anterior me falou de aspectos estéticos que a CBF tentou implementar, você também presenciou essas questões?

Simone Gomes Jatobá – Olha, comigo sempre foi muito tranquilo assim, eu nunca tive nenhum problema em relação a isso. Mas eu lembro muito bem do campeonato de 2001 que eles fizeram...acho que foi a Paulistana, que a gente teve que jogar com shortinho super curto, foi televisionado, acho que pra tentar passar uma imagem né...

Maria Thereza Oliveira Souza – Você jogou esse campeonato?

Simone Gomes Jatobá – Joguei esse campeonato. Joguei pela Ponte Preta. Mas com a CBF comigo nunca chegou nada em relação a isso, mas assim, (não sei se pode complementar ou não), mas eu acho importante, porque é uma imagem que a gente tem que passar né, então não é porque a gente joga futebol que a gente tem que ser homem, independente da opção de cada um, você nasceu mulher e você é mulher, então você tem que passar uma imagem feminina, eu acho isso importante, já é difícil a sociedade, as pessoas aceitarem o futebol feminino, então, se colocar uma imagem não muito boa fica pior ainda né.

Maria Thereza Oliveira Souza – Sim. E nos seus clubes também há essa preocupação?...dos dirigentes...

Simone Gomes Jatobá – Não, lá na França não, na Rússia também não tive problema nenhum e na Espanha também não né, em relação a isso. Lá as meninas sempre são bem femininas, claro que você vê uma ou outra que tem cabelo curto, mas acho que isso não

tem nada a ver também né, não é porque você tem cabelo curto que você tem que ser masculina né, pelo contrário, eu acho que a sua atitude, a sua maneira de ser que vai passar quanto feminina você é, quanto mulher você é.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você já teve empresários atuando na sua carreira?

Simone Gomes Jatobá – Já tive um, mas a experiência não foi muito boa, porque foi inclusive esse que me levou pro Lyon né. Me levou pro Lyon, e ai, o primeiro ano foi tudo bem, mas a partir do segundo ano, eu que tinha que estar falando com o presidente, eu que tinha que tentar ajeitar todas as coisas, mas eu tinha que estar pagando a ele 10% do meu salário e ele já não estava fazendo mais nada. Então assim, eu acho que o grande erro dos empresários é pegar os jogadores né e depois meio que dar uma abandonada, mas querendo receber o seu salário. Depois eu não peguei mais empresário.

Maria Thereza Oliveira Souza – E suas companheiras de time trabalham com empresários?

Simone Gomes Jatobá – Algumas sim, outras não. Algumas trabalham porque eles vem com uma proposta muito boa né, e ai pra você estar indo pra certos times ou salários, isso é muito bom, no princípio é muito bom, porque ele te abre portas, Mas o grande erro é o abandono depois né, ele te deixa de canto ou te liga pra você depositar o dinheiro ou algo assim. Eu acho que a gente precisaria de alguém que começasse e terminasse né.

Maria Thereza Oliveira Souza – E como que foi a sua volta do Lyon pra cá? Ocorreu porque terminou o contrato e não foi renovado?

Simone Gomes Jatobá – Isso, porque acabou o contrato, a gente até teve um problema em relação ao contrato, um problema que até eu estou com um advogado com isso lá na França, resolvendo isso. Porque, teve uma cláusula que eles pularam, eles não cumpriram isso, então o advogado tá vendo isso. Porque teve troca de diretor, troca de treinador, então eles tentaram pular isso e não era o correto, até por datas e por muitas outras coisas né.

Maria Thereza Oliveira Souza – E aí você voltou...e qual foi a sensação de voltar a jogar no futebol brasileiro?

Simone Gomes Jatobá – Nossa, foi um pouco assustador, foi um pouco assustador. Porque você vê uma realidade e depois você chega e vê outra aqui e é completamente diferente. Eu fiquei completamente chocada no começo. Eu já sabia né, como era, mas eu tinha esperança que alguma coisa tivesse mudado, mas aí o que me deixou mais triste foi que depois de cinco anos tudo continuava na mesma ou até um pouco pior. Então foi um pouco triste, a volta foi um pouco triste.

Maria Thereza Oliveira Souza – E após a sua volta então, com a sua experiência na Europa, você enxerga algum caminho que possa ser seguido e implementado aqui pra melhorar o futebol feminino no Brasil?

Simone Gomes Jatobá – Olha, vivenciando, vivendo e aprendendo agora como treinadora (e atrás de tudo isso também, porque a gente aprende em projetos e muitas outras coisas de como realmente comandar um time), você vê que o Brasil precisa muita coisa ainda, muita, muita coisa, o Brasil realmente não está nem engatinhando em relação a muitos clubes europeus ou até mesmo de outros continentes. É difícil, é difícil, porque tem que ter um princípio assim pela parte administrativa né, regras, entre outras coisas pra você colocar pra que um time, pra que um campeonato. Compromisso e dedicação né, isso tudo a gente não vê muito aqui, se vê mais interesse pelo financeiro, realmente esquece que esse financeiro acaba e depois não tem mais nada e inclusive não tem mais time. Então você tem que começar realmente pelo princípio né, pra que as coisas deem certo. Eu acho que o mais simples vai ser depois dentro de campo. O fora de campo aqui está realmente bem complicado.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você acredita que no Brasil uma das grandes barreiras seja o preconceito de gênero em relação ao futebol?

Simone Gomes Jatobá – Eu acho que sim, porque, por exemplo, o futebol masculino tem muito retorno financeiro, mas é claro que ele é tradicional né. Então assim, “a gente vai investir no futebol masculino porque a gente sabe que a gente vai ter” [colocando-se como

possível patrocinador]. Mas porque que, por exemplo, em outros países eles investem...eles não tem, mas eles investem e eles vão ver no que que vai dar. Eu estava falando até para a Noeli, o meu time lá – é um time que caiu pra segunda divisão esse ano, no ano passado estava na primeira divisão, caiu pela diferença de dois pontos, masculino e feminino [caíram] – tem todas as categorias masculinas, e femininas tem: sub8, sub9, sub11, sub14, sub19 e o adulto, são seis categorias, e então assim, você vê a diferença. Eles não estão tendo retorno em relação a isso, porque tem que ter o financeiro, o financeiro, assim, o time que vai trazer um retorno é o time 1, no caso o time principal né. Mas eles trabalham com todas as categorias como se fosse o masculino, e a gente não tem nem o principal aqui no Brasil. Então assim, é uma cultura, mas você pode modificar isso, porque lá eles não tinham, então eles aplicaram e deu muito certo. Você vai num jogo amistoso da seleção francesa feminina, em qualquer estádio da França, é lotado. A mídia, a divulgação, o apoio, é muito grande, então você vê essa diferença e você não tem aqui no Brasil.

Maria Thereza Oliveira Souza – E tem muitas meninas procurando os clubes lá na França pra jogar agora?

Simone Gomes Jatobá – Tem bastante, porque elas sabem né, que lá funciona, tanto quanto nos Estados Unidos, na Alemanha e em vários outros países. Acho que o piorzinho mesmo em termos disso tudo é o Brasil. Não em termos de técnica e de qualidade, porque o Brasil já chegou em posições que a gente nunca nem imaginava, se for contar pelo apoio né, porque a gente nunca teve apoio praticamente nenhum, mas agora lá elas tem o apoio e chegam até certo nível, imagina se a gente tivesse aquele apoio, ou um pouquinho daquele apoio aqui no Brasil, então eu acho que, realmente, superaria muita coisa.

Maria Thereza Oliveira Souza – E nesse contexto do futebol brasileiro, como você enxerga a seleção permanente que foi implementada agora?

Simone Gomes Jatobá – Olha, eu particularmente não vejo como uma coisa muito boa. Porque assim, a escolha do treinador são vinte e cinco, trinta meninas. Dentro desse grupo de vinte e cinco, trinta meninas, eu acredito que cinco ou seis podem não estar em uma boa fase, porque o futebol é de fase, tem momentos que a gente está bem, tem momentos em que a gente não está bem. E o Brasil é tão amplo, tão grande e tem tanta qualidade que a

gente não pode só ficar restrito a um grupo, eu acho que, claro, tem que trabalhar pra que pegue um pouco de jogo entre elas, mas eu acho que tem que ser visualizado e abrir portas pras outras também, porque, nossa, o Brasil tem (por mais que não tenha qualidade muito grande), tem meninas no nordeste, no Rio Grande do Sul, tem meninas em todo quanto é lugar, só esperando uma oportunidade. Eu acho que é legal por uma parte, mas por outra parte fecha portas pra muitas atletas.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você acha que dificulta para as meninas que estão jogando no exterior também?

Simone Gomes Jatobá – Olha, eu acho que pra todo mundo, porque eles acabam se focando somente ali né, só naquele grupo. E eu acho que de repente, para as meninas em outros países ou mesmo aqui no Brasil, uma solução seria um olheiro, contratarem um olheiro somente pra isso, não estar com a seleção, mas estar em todos os lugares pra estar passando informações e visualizando, porque é muito importante né.

Maria Thereza Oliveira Souza – Sim, e você chegou a jogar com a Marta né?

Simone Gomes Jatobá – Uhum.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você acha que a imagem dela é pouco aproveitada pra desenvolver o futebol feminino no Brasil?

Simone Gomes Jatobá – Eu acho. Eu acho que, a Marta é reconhecida mundialmente né, ela deveria ajudar, ela deveria usar um pouco mais a imagem dela pra ajudar um pouco mais o seu país. Nós não somos assim, amigas, amigas, mas a gente se encontrou várias vezes, a gente jogou várias vezes na seleção, muito, muito tempo juntas e tal e é uma pessoa muita boa, então acho que assim, ela, de repente, precisaria usar um pouco mais isso, como muitas jogadoras fazem fora do Brasil, né. Pra estar ajudando um pouco mais o país dela, acho que isso é importante.

Maria Thereza Oliveira Souza – E durante as suas viagens com a seleção para competições, como é a logística da CBF? Você tem uma boa estrutura pelo menos durante as competições pela seleção?

Simone Gomes Jatobá – Olha, as competições que eu fiz eu não tive nenhum problema né, campo de treinamento, hotel, transporte. Só teve um problema, mas assim, não foi com a seleção, em um sul-americano que pegou fogo num hotel, mas assim, não tenho o que falar, não que eu me lembre no momento né, de problemas.

Maria Thereza Oliveira Souza – E com relação às convocações para a seleção brasileira, de que forma ocorre o contato, porque a gente sabe que no futebol masculino tem a coletiva de imprensa, são divulgados os nomes. Como acontece a convocação pra seleção feminina, como vocês ficam sabendo?

Simone Gomes Jatobá – É ligação ou e-mail, coisas assim.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você acredita que o perfil das mulheres que jogam futebol atualmente tenha mudado?

Simone Gomes Jatobá – Eu acredito que um pouco sim, em relação ao começo, eu acho que sim. Dentro de campo como fora de campo também. Porque no princípio o futebol era masculino, é masculino né, digamos assim, no princípio, não tinha feminino. Então a visão era assim, os homens que jogavam, então assim, muitas pessoas confundiam, ou seja, tinha que ser parecido, não igual, mas parecido, porque tinha ali o modelo que eram os homens. Mas acho que, com o tempo isso foi modificando, tem muito ainda o que mudar, mas acho que em termos, por exemplo, de aparência, de atitude, eu acho que mudou muito e isso é um ponto positivo pro Brasil.

Maria Thereza Oliveira Souza – Em algum momento na sua carreira você sofreu preconceito?

Simone Gomes Jatobá – Não, só as coisas que a gente ouve sempre: “ah, mas porque que você escolheu o futebol feminino, o futebol? É uma coisa masculina. Por que você não vai fazer outra coisa?” Mais esse tipo de coisa, nada que pudesse chocar né.

Maria Thereza Oliveira Souza – Nada que te incomodasse?

Simone Gomes Jatobá – Não, não.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você tem conhecimento sobre companheiras de time que tenham sofrido? Assim, que na vida delas foi um problema, que na sua vida não é um problema.

Simone Gomes Jatobá – Não, não, que eu saiba não. Sobre preconceito assim, não.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você acha que a visão das pessoas também mudou? As pessoas já estão mais acostumadas a ver o futebol feminino?

Simone Gomes Jatobá – Eu acho que mudou muito pouco, uma porcentagem muito pequena. Tem que se trabalhar muito. Eu acho que um dos meios pra conseguir isso é divulgação e colocar realmente como a coisa é né. Porque as pessoas não conhecem, não sabem e aí imaginam de uma certa forma. Quanto mais você mostrar o produto, quanto mais você colocar ele, mais as pessoas vão ver e vão conhecer. Eu acho que, de repente por ai pode melhorar um pouquinho mais. Mas tem muita coisa a se mudar ainda, muita gente ainda que não conhece, eu falo: “eu jogo futebol” e elas: “Ah é? Mas é futebol de salão?”...”não, não, é de campo”...”nossa, de campo?” [representando com expressões faciais a surpresa dessas pessoas]. Então assim, ainda tem muito o que mudar. Mas é claro, comparado há muito tempo atrás, há algumas décadas deu, digamos assim, 1% de avanço.

Maria Thereza Oliveira Souza – E após o encerramento da sua carreira como atleta (você está fazendo o curso de treinadora), você pretende atuar no Brasil ou na Europa?

Simone Gomes Jatobá – Eu gostaria muito de atuar no Brasil, se as coisas melhorassem, mudassem. Porque, bom, é o meu país, e a minha vida, a minha família, está todo mundo

aqui. Mas óbvio, se isso não acontecer, eu vou preferir estar lá, porque lá tem oportunidades, tem trabalho, estrutura, tem tudo. Então vai depender muito de como as coisas vão estar no momento.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você acha que aqui no Brasil tem alguma mulher capacitada pra estar no comando da seleção brasileira, como técnica?

Simone Gomes Jatobá – Olha, eu estou meio fora de como as coisas estão passando aqui no Brasil. Mas eu não sei, tem muitas pessoas que estão se formando, uma amiga minha que é de Campinas, ela fez cursos e foi treinadora lá fora, em outros países também. Então tem pessoas que estão querendo realmente se capacitar pra estarem aqui. Eu ouvi falar também de ex-jogadoras que podem complementar a CBF. Então isso é uma coisa legal né, se isso vir a acontecer, eu acho que é legal.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você acredita que possa haver uma resistência das próprias atletas ao serem treinadas por uma mulher?

Simone Gomes Jatobá – Eu acredito que não, eu acredito que não [enfática]. Porque elas sabem a dificuldade né, como as coisas são em relação aos treinadores também. Tem muitos treinadores que são realmente bons, capacitados, e tem alguns que realmente estão por estar. Eu acho que se as próprias atletas não verem isso de uma forma positiva, elas mesmas estão com preconceito com sua própria categoria.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você sabe que maneira são feitas as escolhas dos treinadores? São os dirigentes da própria CBF que escolhem o técnico da seleção brasileira?

Simone Gomes Jatobá – Olha, isso é uma boa pergunta viu, porque eu nunca soube, mas eu acredito que sim né. Eu nunca soube como as coisas funcionam com relação a contratação de treinadores.

Maria Thereza Oliveira Souza – Vocês só são informadas no momento da contratação...

Simone Gomes Jatobá – Isso.

Maria Thereza Oliveira Souza – E para finalizar, você gostaria de deixar uma mensagem para as meninas que desejam jogar futebol? Com a sua experiência, tem alguma coisa que gostaria de dizer?

Simone Gomes Jatobá – Olha, a dica é sempre a mesma né. Eu acho que assim, se você gosta de futebol, hoje em dia tem futuro no futebol, eu não digo do Brasil. No Brasil você consegue sobreviver, fora você consegue viver do futebol. Então, até de repente “sobreviver” eu estou meio forçando, porque eu não sei de realidade como está dentro do Brasil, mas pelo que eu ouço são sempre as mesmas coisas. Mas é não desistir daquilo que a pessoa quer, se é música, se é futebol, se é dança... Não é porque meu pai e minha mãe querem que eu faça medicina, que eu vá fazer, porque vai chegar um momento da vida que vai ter frustração e tristeza. Então, dificuldades você vai ter em qualquer trabalho, em qualquer categoria, em tudo, óbvio, tem algumas que são muito mais fáceis. Mas, se você tem o dom e se você gosta de futebol não é porque é difícil que você tem que desistir, eu acho que tem que persistir, o mercado está muito mais amplo hoje, as oportunidades são melhores fora do Brasil. Então eu acho que, se é isso que a pessoa quer, ela tem que realmente persistir e fazer o que ela quer.

Maria Thereza Oliveira Souza – Apenas uma última pergunta, em relação a profissionalização...sabe-se que aqui no Brasil as atletas não tem aposentadoria como jogadoras de futebol, na Europa isso já existe?

Simone Gomes Jatobá – Olha, é uma boa pergunta. Mas lá, por exemplo, quem é estrangeira tem contratos federais. Ou seja, no nosso salário é descontado aposentadoria, é descontado tudo isso. Então, eu acredito que sim. Lá você tem a Associação dos Jogadores Profissionais (eu até me juntei agora), então ela vale para as mulheres também, e isso é muito joia, uma coisa que aqui no Brasil eu não sei se isso existe [expressões de dúvida].

Maria Thereza Oliveira Souza – Dificilmente.

Simone Gomes Jatobá – É, então, eu acho que assim, é uma coisa que está um pouco mais acima né, um degrau mais acima do que o Brasil.

Maria Thereza Oliveira Souza – Muito obrigada Simone.

Simone Gomes Jatobá – Imagina

Maria Thereza Oliveira Souza – É isso mesmo.

Simone Gomes Jatobá – Valeu.

[FINAL DA ENTREVISTA]